

Economize até 75% na hora de montar sua casa

página 10

É disso que o povo gosta



3x4

Um jornal produzido pelos estudantes de jornalismo da UFRGS

PORTO ALEGRE - 2000/2

Revelamos como é a vida dos traficantes

página 6

ESPORTE

“Navega Porto Alegre” populariza o iatismo na cidade

página 15

ECONOMIA

Índios buscam recuperar sua cultura em loja no mercadinho do Bom Fim

página 11

LAZER

Sobe e desce dos aviões diverte as pessoas e mexe com o comércio no aeroporto

página 13

Bisol: “Não existe possibilidade de diálogo com a RBS”

página 3



PROMOÇÃO

Ache o coringa e concorra a prêmios

Porto Alegre será a capital do mundo em janeiro

página 14

Editorial

MARCELO TRÄSEL

A idéia deste Três por Quatro era fazer um jornal baseado no estilo de texto e projeto gráfico dos jornais populares. Mas com uma qualidade de informação superior a deste tipo de publicação, e mesmo a dos diários ditos "sérios".

Encontramos dificuldades. A maioria dos colegas precisa dividir seu tempo entre estudo e trabalho – pois estamos no final do curso, época de estagiar. O Três por Quatro deveria ser feito nos

primeiros semestres, quando não temos experiência alguma e precisamos adquiri-la.

A outra dificuldade foi definir jornalismo popular. Muitos diários alardeiam este título, dizendo mostrar notícias que interessam à população, com uma linguagem mais próxima das ruas do que das bibliotecas. Na verdade, oferecem uma informação rala misturada a muito sensacionalismo, fabricando denúncias e

espalhando a crença de que ser popular é ser superficial.

Nosso desafio era fazer um jornal popular em que o povo aparecesse não como mero personagem de notícias escandalosas, beirando o tragicômico, mas como protagonista dos fatos. Não um jornal popularesco, em que a informação de interesse da elite é mascarada com gírias, mas em que as notícias fossem do povo e para o povo. Um jornal realmente popular.



Apesar de divergências e outros problemas, o 3x4 saiu da forma como imaginávamos

Cartas

Caríssimos,
Lamento, mas não posso deixar de manifestar a decepção e espanto com o que foi feito a partir da entrevista que dei ao 3x4. Pinçar algumas declarações de uma pessoa e inseri-las num contexto totalmente diferente, sem as devidas ressalvas, é um dos piores erros que um jornalista pode cometer, porque trai a fonte e engana o leitor. Quando isso é cometido por inépcia, é

lamentável; quando lavrado de má fé, deprimente.

Além de manipulação, o 3x4 tentou armar um confronto com o colega Érico Valduga, cujo trabalho em nenhum momento foi alvo das minhas considerações. Quando dei a entrevista, comecei ressaltando que não tinha condições de emitir juízo sobre o período anterior à minha entrada na Gazeta Mercantil RS porque não acompanhava o jornal. Somente me referi à cobertura política equivocada que se fazia na

redação, e só – tanto que foi aí a única mudança que fiz na equipe.

Enfim, não espero reparo e só estou fazendo esse comentário porque são colegas em formação e tenho a esperança que as novas gerações de jornalistas sejam melhores do que nós da velha guarda.

Abs. Elmar Bones
Editor Executivo da
Gazeta Mercantil RS

N.R.: A carta se refere à matéria "Gazeta Mercantil reformula cobertura política", publicada no 3x4 do primeiro semestre de 2000. A Redação desse 3x4 que você está lendo nada tem a ver com isso.

Palavra do Professor

No semestre anterior, cheguei a escrever que aquele 3x4 não era o jornal que eu tinha imaginado realizar. E que, certamente, o jornal editado não correspondia ao que alguns alunos tinham imaginado. Disse que, em ambos os casos, os sonhos não tinham correspondido à realidade. O resultado final era o jornal que tinha sido possível.

Com esta turma é diferente. Fizemos laboratório. O resultado final é resultante de um convívio que teve por fio condutor a experimentação. Só não fomos mais ousados por falta de hábito: fim de curso e nenhuma experiência anterior.

Também nos defrontamos com uma dificuldade que tenho, sistematicamente, apontado: uma grande parte dos alunos já está trabalhando, e todos, de alguma forma, estão voltados para a monografia de conclusão de curso e envolvidos com uma extensa lista de tarefas para um monte de cadeiras, algumas cuja utilidade é sempre discutível.

Para quem já exerceu a profissão, a experiência de trabalhar junto a jovens futuros jornalistas, tendo por objetivo a montagem de um jornal em dezoito encontros – um a cada semana – com sentido de laboratório, é decepcionante. Quando as coisas engrenam, o semestre está no fim e aí se torna ineficaz a crítica como uma prática fraternal de transmissão de algum conhecimento.

Enquanto não construirmos verdadeiras escolas de jornalismo, enterrando de uma vez por todas o ensino de *comunicalez* que, com o nítido objetivo reacionário, junta RP, PP e *Jornalez* e forma comunicólogos, estaremos submetidos ao teatro: faço de conta que ensino e alunos fazem de conta que aprendem.

WLADYMYR UNGARETTI

Expediente

O 3x4 é um jornal é uma publicação experimental da disciplina de Redação Jornalística IV do curso de jornalismo da Ufrgs.

PROJETO GRÁFICO:
Tiago Ritter, Barbara Nickel

FOTOS:
Clarissa Barreto, Marcela Duarte, Melissa Menezes

REDAÇÃO:
André Czarnobai, Bárbara Miebach, Carolina Amorim, Giuliana Giavarina, Juliana Lessa, Luciano Macedo,

Luiz Roese, Marcelo Träsel, Marcio Brodt, Paulo Gleich, Renata Canton, Tiago Jucá

REVISÃO:
Andréia Grams, Camilla Lustosa, Letícia Vargas, Rose Mayer, Vanessa Buaszik

PRODUÇÃO:
Fabio Gomes, Juliana Barros

SECRETARIA GRÁFICA:
Edward Williams, Giuseppe Zani

O homem que teve peito para enfrentar o império de comunicação do sul

Texto:
BÁRBARA MIEBACH
LUIZ ROESE
PAULO GLEICH

Fotos:
CLARISSA BARRETO

Na lista de argumentos contrários ao sempre polêmico secretário de Justiça e Segurança do Estado, José Paulo Bisol, 72 anos,

certamente não está a falta de experiência. Bisol foi juiz por mais de 30 anos em comarcas do Interior. Desde 1956, passou por Farroupilha, São Francisco de Assis, Torres, Itaqui, Camaquã, Alegrete, Santana do Livramento e Cachoeira do Sul. O comandante da mais explosiva pasta

do governo gaúcho também atuou como juiz singular em Porto Alegre e como juiz no Tribunal de Alçada do Estado. Em 1978, passou ao posto de desembargador do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul (TJ/RS), função que exerceu por sete meses e pela qual recebe uma aposentadoria que já provocou alguma polêmica.

Na política, Bisol foi deputado estadual pelo PMDB gaúcho, de 83 a 86, e senador, de 87 a

95. Filiado ao PT desde 8 de junho deste ano, o secretário deixou o PSB no final de 99. Antes, havia passado também pelo PSDB. Um dos momentos marcantes (e negativos) na carreira política do secretário foi a candidatura à vice-presidência na chapa Brasil Frente Popular, encabeçada pelo petista Luís Inácio Lula da Silva em 1994. Em 26 de junho daquele ano, foi acusado de ter assinado emenda superestimada beneficiando a cidade de Buritis (MG), onde tem fazenda. Em 10 de julho, foi acusado de receber empréstimos subsidiados quando era deputado. Bombardeado pela mídia e pela opinião pública, cercado por todos os lados, Bisol não teve outra alternativa senão a de renunciar em 27 de julho. O substituto foi o deputado federal Aloísio Mercadante (PT-SP). A execração pública pela qual passou o secretário gaúcho resultou em

processos contra os principais jornais do país. Nascido em Porto Alegre a 22 de outubro de 1928, Bisol passou pelo Colégio Rosário antes de formar-se em Direito pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-RS) e em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O magistrado foi professor de Direito na Universidade de Caxias do Sul (UCS) e no Instituto Ritter dos Reis, nas décadas de 60 e 70. Além disso, deu aulas em períodos alternados na Escola Superior de Preparação à Magistratura da Ajuris. José Paulo Bisol também foi um homem de comunicação, por um curto período de tempo. Em 1979, exerceu a direção-adjunta da Rádio e TV Gaúcha. No ano seguinte, foi colunista do jornal Zero Hora e apresentador de um quadro enfocando o Direito da Mulher, no programa TV Mulher, na TV Gaúcha (atual RBS TV).



Segue na
próxima página

“Se você ler ZH, parece que estamos todos em pânico, que é uma desgraça total, uma desordem total”

MÍDIA

Do meu ponto de vista, não existe (...) possibilidade de diálogo [com a RBS] porque eles não estão abertos para isso. Mas é melhor colocarmos isso de uma forma mais objetiva, mais isenta. O que está acontecendo no mundo? Vou citar Hobsbawm, que escreveu esse livro sobre o século que está terminando. Ele cita um fenômeno estranho da pós-modernidade, que é o fato de que a mídia se transformou em partido. Ela ocupa espaço de partido, ela funciona como partido em diversos lugares. E ele não está falando de Porto Alegre ou do Rio Grande

do Sul (...). Ele está falando do mundo justamente no nosso século. (...) No caso do RS, especificamente, a mídia mais forte aqui (...) funciona como um partido da oposição. A mídia tem um papel a cumprir, (...) só que não se pode contar com a mídia. Ela (...) resiste ao processo de transformação cultural explicitamente e toma partido entre os líderes no sentido de se louvar (...). Prefere buscar a opinião política em associações que por definição são defensoras de interesses do que nos lugares onde se desenvolve a opinião desinteressada.



da. (...) Se você ler o Correio do Povo e ler a Zero Hora, por exemplo, parece que você está em dois mundos diferentes. Relativamente à

segurança, na linha jornalística do Correio do Povo o RS tem os seus problemas mas não é um absurdo, não é uma anormalidade. (...) Se

você ler o outro [Zero Hora], parece que estamos todos em pânico, que é uma desgraça total, uma desordem total.

JORNALISMO

Não dá mais para conceber a democracia sem os jornalistas. E quanto mais claro, mais transparente, mais sério for o jornalismo, melhor será a democracia. (...) O mau jornalismo é um agente contra a liberdade. A melhor forma

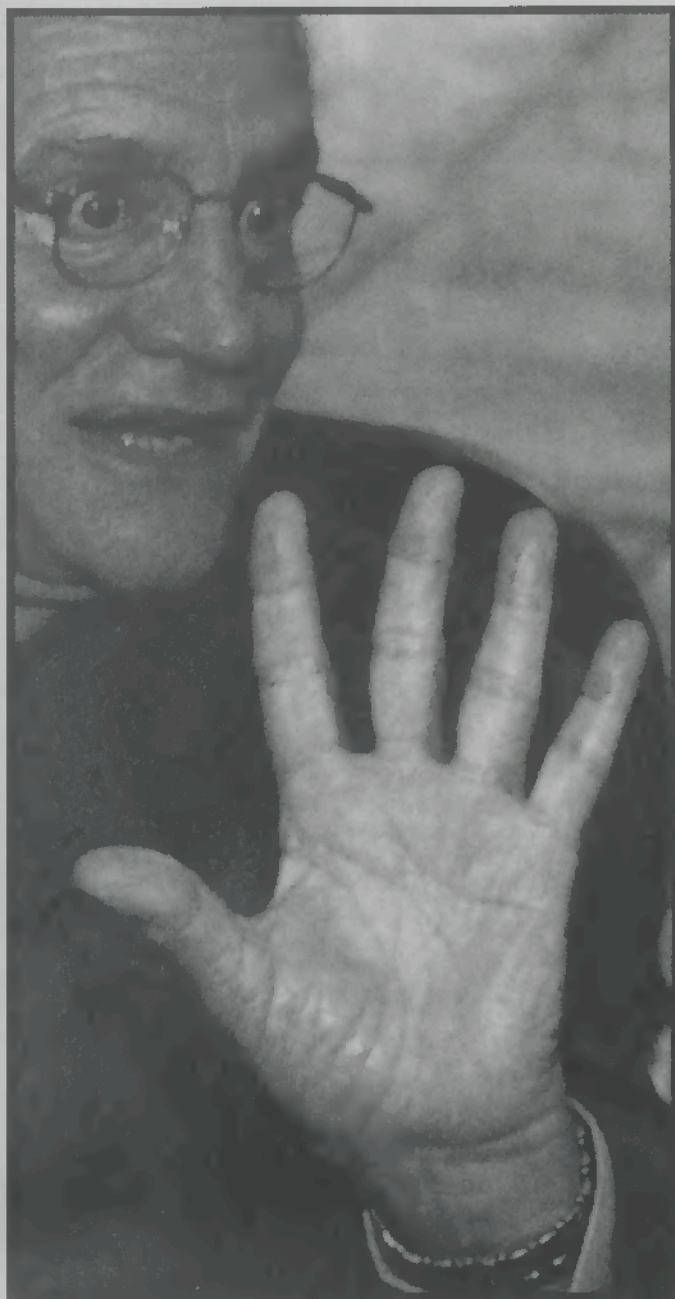
de desorientar uma sociedade é acumular na cabeça dela tanta informação que ela não possa pensar. (...) Para isso é que está se prestando o jornalismo hoje, para criar a confusão mental. É tão alto o número de informações que ninguém mais tem

tempo de interpretá-las. (...) O jornalismo gera tudo isso e um jornalista medíocre faz a interpretação. (...) O jornalista tem que lutar contra isso. O jornalismo é o melhor meio de produzir uma sociedade desenvolvida em sua inteligência crítica.

POLÍCIA

A polícia brasileira é extremamente comprometida com equívocos, com uma história tão absurda que não é de um dia para outro que você vai transformar isso. (...) A verdade é que, no Brasil, a polícia controla o crime, mas o Estado não controla. Porque

Polícia e Estado não se comunicam. E polícia acaba, em parte, servindo-se do controle que tem sobre o crime para ela própria. Esse é um fenômeno que o Brasil inteiro tem que enfrentar. O FHC tem consciência de que não quis enfrentar.



CASO DO RELÓGIO

Qual é a posição do secretário, dos operadores aqui da Segurança, (...) relativamente à historiografia brasileira? Todos nós (...) achamos que é preciso fazer esse movimento contra a historiografia brasileira que retratou falsamente a nossa história. Nós precisamos escrever (...) aquilo que a ideologia dos tempos passados ocultou. A história dos 500 anos, que é a história do relógio, (...) [é] historiografia de mentira. Estamos com os historiadores que querem recontar tudo a partir da verdade (...). [No caso do relógio], nós estávamos no lado oposto, nós queremos nossa história de volta. Mas (...) somos Estado e não podemos pactuar com nenhuma violência, nem mesmo com a violência contra o

relógio. (...) Alguns não foram para lá como servidores, mas como (...) cidadãos que estavam, assim como nós, contra a velha historiografia. (...) Mas não foram para lá para destruir. (...) Quando tomamos conhecimento, tratamos de tentar evitar. Houve falhas, mídia sobre o assunto: a parcela mais forte da mídia parte do pressu-

posto que nós (...) mandamos os servidores lá para destruir o relógio. Isso é absolutamente uma grotesca, estúpida, primária e elementar mentira. Apesar de nossa comunhão com o movimento, de que é preciso contar a verdadeira história do Brasil e não a dos 500 anos, nós não queríamos, e tentamos impedir a destruição do relógio.

JUSTIÇA

Nós aqui no Brasil temos (...) um sistema jurídico horrível. A justiça brasileira, eu tenho até um pouco de vergonha de dizer, (...) não lida com a realidade. O que acontece em matéria de violência e crime é uma coisa real e os processos não têm nada a ver com a criminalidade. Como vamos falar em justiça neste país? Cada instituição fica no seu mundinho, no seu lugar de inscrição, com o seu poder. O juiz é intocável, o Ministério Público é

intocável, a polícia é intocável. (...) Aqui, acontece um crime, ninguém se mete. (...) As instituições [Polícia, Justiça e Ministério Público] estão isoladas umas das outras, cada uma com sua cota de poder. E uma não completa adequadamente o serviço da outra. Então é possível que o juiz lide com 5% de uma realidade. Onde ficam os 95%? Ficam na negociata, na clandestinidade, no crime organizado, na corrupção.

MST

Nós não somos polícia de conflitos sociais. Isso acabou. Nós não somos polícia de Estado, somos polícia de cidadania. No conflito social, nós só fazemos mediação. Isso é posição explícita do governo Olívio Dutra. Movimento social não é crime para nós. (...) E movimento social nós não desmanchamos, mesmo que seja contra nós. Vamos proteger, mas não vamos interferir. Agora veja a dificuldade: você tem os 500 anos criando essa mentalidade que leva à ditadura (...) e que leva

a construir uma polícia que é para defender as elites, para massacrar os movimentos sociais, para esconder as verdades. (...) Queremos agora uma segurança cidadã, uma polícia ligada ao social. Porque segurança é uma coisa e ordem é outra. Ordem está ligada a uma concepção política vencedora. (...) Se uma elite tem o domínio político, ela impõe uma ordem que é a ordem dos seus interesses. (...) Segurança não tem nada a ver com ordem. (...) Segurança é garantia da exercibilidade dos direitos. Você só está seguro se você tem tranquilidade a respeito

de sua possibilidade de exercer (...) os seus direitos. A interpretação [da mídia] é que nós combinamos com o MST para virem e tomar conta dos prédios. (...) Nós temos uma relação de simpatia com o movimento, (...) mas como secretário não tenho nenhuma relação. Toda vez que tiver que mandar sair, eu vou lá e tiro. Mas eu não vou tirar a pontapé. Eu vou negociar até o início da possibilidade de eles saírem sem bofetada, sem empurrão, sem sangue, sem tiro, sem foice, sem degola.



Um retrato do

Texto:
TIAGO JUCÁ
JULIANA LESSA

Fotos:
MARCELA DUARTE

submundo das drogas

V. é um carinha que vive no mundo do narcotráfico desde a adolescência. Passou um tempo na prisão e de lá não esquece algumas lições, do tipo "comia massa a alho e óleo e não podia reclamar". Fomos até a baía do cara, que foi logo tirando as cartas das mangas: "Tenho o que tu quiser: maco-nha, cocaína, haxixe. Tem até umas notas de 50. Pra ti eu faço por 20."

Para minha surpresa, o cara abriu uma dessas pastinhas plásticas com mais de uma dezena de folhas de papel ofício, cada uma tendo impressa, bem ao meio, uma nota de 50 pronta para ser recortada e cambiada nas ruas. As ofertas não param por aí. V. tem também chave para orelhão e um quartinho de fumo por cem conto de reais.

Disse que tinha um pó violento, do qual me ofereceu uma carreira para dar um teco. Respondi que não curtia, mas ele insistiu para eu experimentar a qualidade. Diante de minha recusa, ele pediu para eu passar uma cara na língua. Em pouquíssimos segundos, minha língua estava toda dormente.

O som que rolava era Cypers Hill, RZO, Thaíde e DJ Hum. Manifestei meus raps favoritos: Public Enemy, 2 Pac, Snoop Dogg Doggy, Dr. Dre. Para este último V. fez cara feia porque é um cantor de funk. Expliquei que o cara também faz um hip hop da hora.

"EMOÇÃO É COMIGO MESMO"

Antes de V. me levar à casa de seu fornecedor, fui obrigado a conhecer as minas que o rodeiam. Observando uma delas, pergunto se ela não havia brigado com outra mina um domingo desses no parque. A resposta deixa V. perplexamente feliz: "tu anda brigando agora, mulher?".

FUGINDO DOS HOMENS DA LEI

"Eu e o F. era, há bastante tempo, visado pela polícia. Uma noite a gente pegou alguns quilos de pó e fumo em outro pico. Alguém entregou a gente. Os homem seguiram nossa caranga até nos alcançarem. Foi aquele tiroteio. O carro ficou totalmente baleado. Tô vivo porque as bala não atravessaram o banco, mas o F. foi atingido de raspão. Mesmo assim ele manobrou o carro pra direita e pulou um barranco de cinco metros de altura e fugiu dos homem. Mas no outro dia a gente acabou sendo preso."

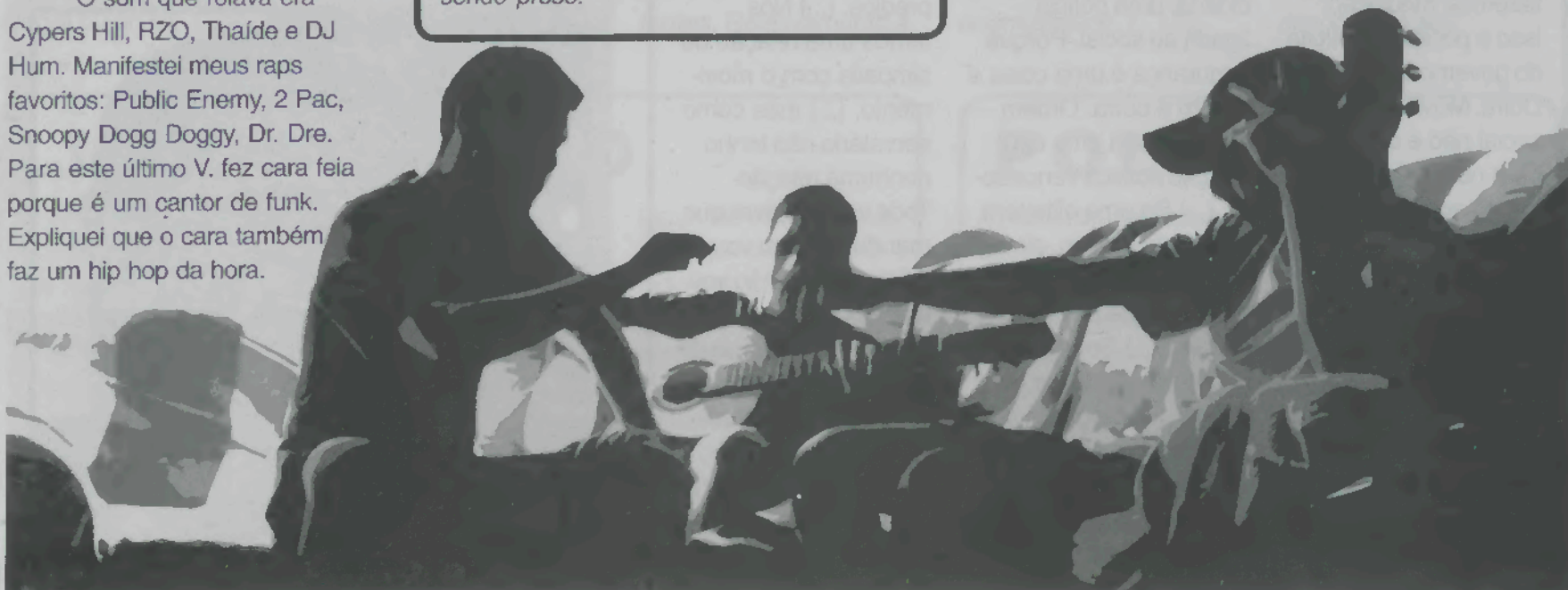
Há um porquinho vigiando a zona. Precavido, V. entra na caranga meia quadra adiante. Quando chegamos na baía do traficante, V. entra sozinho.

Volta com uma bola de pó do tamanho de uma de tênis, junto com umas dez bolinhas de haxixe. "Não te falei que eu sou confirmado com o patrão?".

No caminho, V. conta que recentemente pagou dois mil reais para uns policiais. Ele foi pegado com drogas e não queria voltar para a prisão. De acordo com V., ainda hoje ele tem dar uma grana para um policial o deixar em paz.

"Quando saí da prisão, fiquei calmo por um tempo. Não usava nenhuma droga. Mas acabei voltando com tudo de novo. Não adianta, eu sou um criminoso. Mas não sou ruim, sabe? Eu não sou mau, faço isso de vagabundagem, pra gastar em besteira. Aqui no bar eu gasto setenta conto por dia.

Esses dia vieram uns porco aqui na baía. Eu corri os cara com o cano. Disse que sem mandato não podem ir entrando assim. Eu tô ligado, meus peso ficam numa outra baía, não deixo nada aqui em casa, só o de consumir. Não dá pra marcar bobeira, dosmeu. Vivo com o cano na cintura ou debaixo da cama. Aí eu fico a noite inteira acordado cheirando uma branca. Caminho por dentro de casa de um lado pro outro, espiando pela janela e jurando que há alguém lá fora me cuidando. Já teve vez que eu chorava de pavor, escondido atrás do sofá, vendo o demônio. Mas eu rezava pra Deus me proteger. Conheci o Senhor na prisão, e todos os dias eu rezo agradecendo a vida que tenho. Já disse, sou uma boa pessoa, rodeado de amigos e mulheres. Quer mulher e drogas? Fala comigo. Dinheiro falso também. Emoção é comigo mesmo."



USUÁRIOS DE PESO

Talvez você não saiba, mas vida de usuário de drogas vai muito além de uma viagem que dá barato. Pelo menos as histórias que aqui serão contadas são apenas algumas aventuras que

as pessoas mais bem comportadas jamais experimentaríamos. Que tal entrar numa vila, as duas da manhã, para comprar cocaína? Ou ser pego pela PM por porte de drogas enquanto o

Lalau vive solto? Ou então pagar uma fiança absurda para não ir em cana? A seguir, o depoimento de alguns usuários relatando situações e opiniões pra lá de radicais.



FLAGRANTE FALSO

Dedéu é um jovem trabalhador da periferia da Capital. O rosto indica muitos anos de consumo de maconha. Fuma um baseado todos os dias, no mínimo. Mas teve um que ele jamais esquecerá. Era aniversário do Birt, e os dois foram dar uma banda de caranga para queimar uma vela. Uma viatura policial suspeitou dos dois e parou o carro de Birt no viaduto da Silva Só, interrompendo o trânsito. Acharam um baseado na meia de Dedéu, o

suficiente para ele ser levado preso para o Palácio da Polícia. Uma fiança de mais de R\$ 100 impediria que Dedéu fosse para o Presídio Central. Birt foi até um banco 24 horas e tirou a grana que livraria o amigo criminoso. Mas não foi preciso pagar nenhum tostão. Dedéu percebeu que um PM havia esquecido o fumo que apreendera, ao lado da janela que dá para avenida Ipiranga, por onde chamou Birt para dizer que o flagrante estava

dando bobeira. Amigo tem dessas coisas, tipo se entendem pelo olhar. E o olhar dos dois dizia a mesma coisa: melhor correr o risco. Dedéu pegou o fumo, passou através da janela para o brother, que imediatamente foi correndo para esconder o baseado. No fim, os PM pagaram o vale diante da Civil e acabaram obrigados a libertar Dedéu por falta de flagrante.

“FIANÇA”

Pior sorte teve o estudante Jeri. Em uma viagem ao Espírito Santo que fez durante as férias, seu carro foi parado por uma blitz das Polícias Civil e Militar. Jeri carregava uma peque-

na quantidade de maconha pra consumo próprio. Claro, os tiras acharam o bagulho e prenderam o usuário. Jeri disse que tinha grana pra pagar a “fiança”, mas não pensava que ia ser tão caro: R\$ 4 mil. Como os bancos es-

tavam fechados àquela hora da tarde, foi preciso esperar até o dia seguinte. *“Dormi num motel, vigiado pela polícia. Passei a noite em claro rezando para ter saldo suficiente. Tu não sabe o que é estar numa cidade totalmente desconhecida”.*

GLOSSÁRIO

um quartinho de fumo: 250 gr de maconha

pó: cocaína

carreira: pequena quantidade de cocaína

uma cara: pequena quantidade de cocaína

fumo em outro pico: fomos a outro lugar

caranga: carro

baseado: cigarro de maconha pagaram o vale: passaram vergonha

P. V.

P. V. tem uns 29 anos, é usuário de maconha e cocaína. Ele fuma maconha há, mais ou menos, 13 anos. Começou no colégio. Entrou na cocaína há pouco menos de três anos. Seus principais pontos de compra são a avenida Osvaldo Aranha, a Vila Cruzeiro e o morro Santa Teresa. Como bom freguês que é, ele já tem regalias, como poder pagar depois e ter direito ao melhor material. *“Quem é conhecido e bom cliente é prioridade”*, diz ele, acendendo o segundo baseado do dia. Ele fuma três cigarros de maconha diariamente, um de manhã e dois à noite. Em finais de

semana, quando não trabalha, ele aproveita para fumar e cheirar sempre que quer.

P. V. gasta cerca de R\$ 50 por semana com o consumo de drogas, mora sozinho no bairro Bela Vista e é solteiro. Vive bem: tem um carro e um apartamento.

Sempre que precisa comprar drogas, vai direto à fonte, sem intermediário. Uma vez foi pego pela polícia mas, como estava com um cigarro de maconha no fim, foi liberado. Ele diz que não tem medo de ser pego, pois sempre liga antes de ir ao local onde vai comprar a droga e toda vez que chega lá o pessoal avisa se a barra está suja.

P. V. disse ser usuário somente de cocaína e maconha: *“Até já experimentei ácido, mas não curti”.*

V. L.

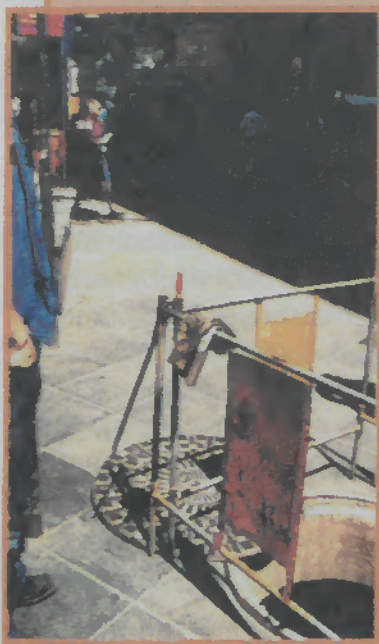
V. L. é uma estudante do terceiro ano do segundo grau, tem 17 anos e mora no bairro Menino Deus. Ela fuma maconha de vez em quando. *“Em ocasiões muito especiais. Sempre não dá, senão fico numa chapadeira muito louca”.* Ela experimentou maconha pela primeira vez no colégio com os amigos. Gostou, mas acha que não deve fazer isso sempre. Cocaína ela nunca quis provar: *“Não dá para brincar com essas coisas. Cocaína e outras coisas não. Maconha, muito de vez em quando”.* V. L. nunca comprou nada. Todas as vezes que ela usa é porque algum conhecido lhe fornece.

L. M.

L. M. tem 16 anos, fuma maconha e cheira loló. Ele mora na Vila Mariano de Matos e estuda em um colégio estadual, próximo à sua casa. Já experimentou cocaína mas reclama do preço: *“É um barato, mas é muito caro. Maconha e loló consigo num preço camarada”.* Seus vendedores moram na sua zona e ele nunca foi pego pela polícia. L. M. diz que seus pais sabem do vício e insistem para que ele pare: *“Toda vez que eles encontram alguma coisa dá um quebra-pau. Minha mãe começa a chorar, meu pai diz que vai me expulsar de casa, eu digo que vou parar. Mas sempre acabo voltando porque é um barato. Não dá nada”.*

Textos: Barbara Miebach e Marcio Brodt
Fotos: Melissa Antunes de Menezes

Tem gente que gosta do buraco



É difícil a vida de quem trabalha abaixo de todo mundo. Dessa forma, V.R. – por sigilo profissional, o chamaremos assim – ganha a vida. Ele faz a manutenção da corrente de bomba d'água nas câmaras subterrâneas de Porto Alegre, coordenando uma equipe de cinco pessoas. Encarregado de uma das zonas do Centro, V.R. afirma que é quase impossível alguém se hospedar nas câmaras: "Além do calor ser insuportável, o ar é

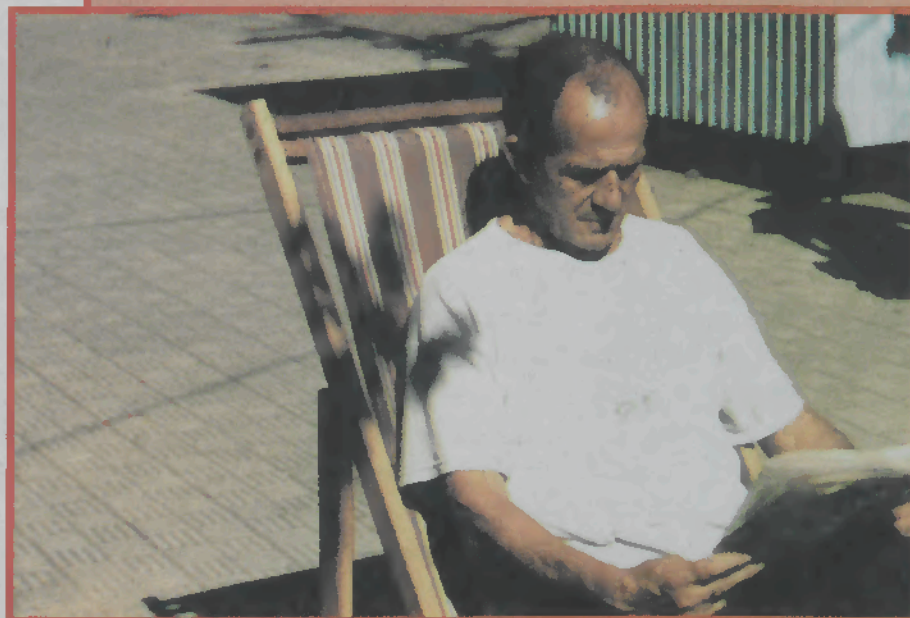
rarefeito. Quem entra lá, está pedindo para morrer". E experiência para falar sobre isso ele tem. Certa vez, depois de ter dado folga a todos colegas do grupo, V.R. resolveu calibrar sozinho uma bomba d'água perto da Praça da Alfândega. Entre ferramentas e parafusos, ele desmaiou. Nessa hora apareceu um empregado. Aí só foi questão de tempo. A equipe de saúde chegou e V.R. até hoje agradece o companheiro.

Pássaros: os escudos das Tartarugas

Pequenos, grandes, de bico longo ou curto. Os pássaros. E não estamos falando de nenhum filme de suspense, apesar das gaiolas e do mau-cheiro causarem um certo desconforto. São as aves que podem ser encontradas à venda em qualquer loja de animais. Essas galinhas, pombas, perus, galos ou pintos são oferecidos a preços que variam entre R\$ 2 e R\$ 60. É só escolher. Magras, com penas escassas e aparência de doentes, algumas das aves expostas dão a impressão de que jamais se tomarão robustas o suficiente para renderem um ovo sequer, quanto mais um bom almoço de domingo. Mas, por trás de tudo isso, um segredo: "Ei, moça, tem tartaruga?". "Tartaruga?", a vendedora pensa, revira os olhos para o lado. "Tartaruga... não sei não, tartatuga é bicho silvestre, é proibido vender...". Mas no tom, uma hesitação. "Eu queria para a minha sobrinha, ela tem três anos e quer um bichinho de estimação, sabe como é, apartamento..." A vendedora tranca a respiração, engole em seco. Pensa por mais um segundo. Enfim, a resposta. "Acho que a senhora deu sorte... a gente pode arranjar, talvez...". Um pouco mais de conversa, R\$ 80 e o velho jeitinho brasileiro sai por cima, com uma tartaruga, o pequeno animal em extinção. Aquele que, sabe, é proibido vender.



Perdeu sua chave? Chame



Seu Antônio... das ruas Ferr... ponto viver fa... contar: "É o q... vez, no início... onde morava... férias, o cheir... porta e... dois... ela não estav... ram seu corp... esquecedores... cinco netos, s... gosta de dize... na leitura do... as letras são

Azulzinho é gen



Normalmente, quem tem carro em Porto Alegre odeia um tipo específico de pessoa: o Azulzinho. Mas a vida desses fiscais de trânsito é complicada. Esse aí acima trabalha nas ruas há um ano. Ao seu pedido, vamos denominá-lo Little Blue. "Não me sinto seguro com o trabalho que faço. Fico muito mal. Até agressão já sofri". Quando estava abordando um motociclista, Little Blue recebeu uma facada no abdômen. Não morreu por pouco, mas mostra constrangido a cicatriz ao lado direito do umbigo. "E o pior é



m Porto
e pes-
ses
Esse aí
no. Ao
Little
o traba-
agressão
do um
uma
por
a dica-
o pior é

que não podemos nos defender, temos que chamar a Brigada". Em relação a isso, a categoria está reivindicando treinamentos de autodefesa, para poder evitar agressões. Mas, mesmo com o estresse que é ficar seis horas diárias cuidando do trânsito do Centro da Capital, Little Blue se sente honrado com sua função na sociedade. "As pessoas não entendem. Acham que nós somos uns mercenários que querem tirar dinheiro a todo custo do cidadão comum. Isso não é verdade". E não é mesmo.

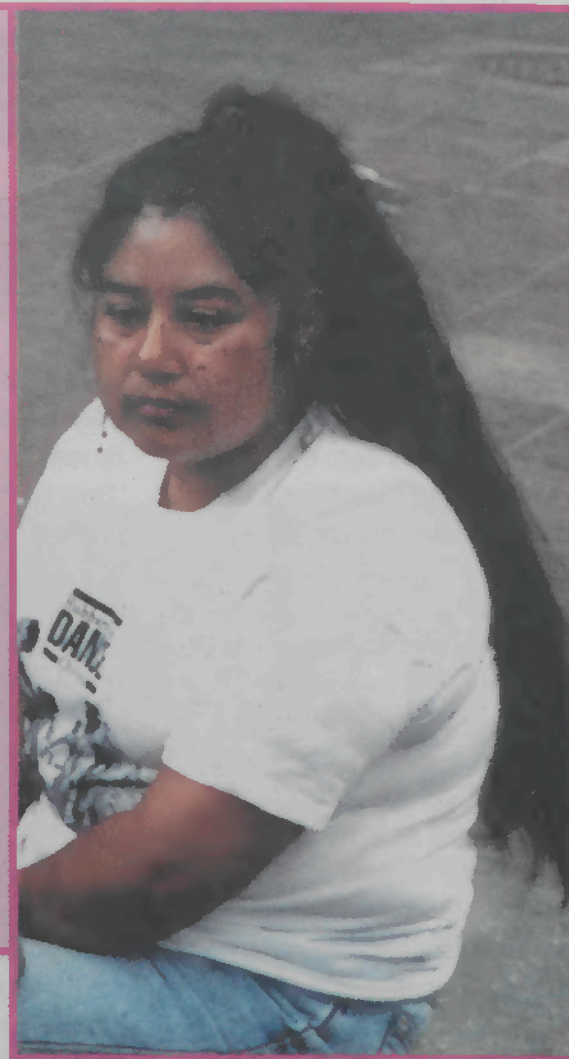
ame logo o Seu Antônio

Antônio Centena tem 21 anos de Bom Fim e 15 de chaveiro na esquina das ruas Fernandes Viera e Henrique Dias. Apesar do movimento em seu bairro, ele vive fases de altos e baixos, são muitas as histórias que tem para contar: "É o que mais dá", revela o animado chaveiro. Conta ele que, certa manhã no início do verão, uma senhora morreu sozinha em casa, e o prédio onde morava estava vazio. Em março, quando os vizinhos voltaram das férias, o cheiro de carniça podre era insuportável. Ele foi chamado para abrir a porta e... dois cachorros foram encontrados do lado da velha gorda. Detalhe: a gorda não estava mais gorda porque os seus "filhinhos" de quatro patas devoraram seu corpo. Há também os tradicionais pelados fora do apartamento, briga de casal, e assim vai. Casado, cinco filhos e cinco netos, seu Antônio é um típico chaveiro. Está "aos poucos" – como se diz – passando o ponto ao filho Dalgiso, de 30 anos, e não abandonando a profissão do fiel Diário Gaúcho. "Ele tem bastante novidades. E o bom é que as coisas são grandes", ri faceiro o nosso amigo Antônio.

Seguindo seus sonhos, índia kaingang chega lá

Quando você passa pela esquina da General Câmara com a General Câmara, muitas peças artesanais de casca de cipó estão expostas pelo chão. Pois bem, uma dessas artistas é a índia kaingang Maria Castorina. Sua tribo fica nos arredores de Iraí, cidade onde a índiazinha, com dez anos de idade, começou a vender seus colares, brincos, canetas etc. Tradição familiar, Castorina ensina os filhos da mesma forma que aprendeu com seus pais. Há seis anos, a situação apertou. Sem alternativa, a índia chegou na terra do homem branco. Com o marido e os filhos, Castorina vive em Porto Alegre e toma como seu ponto a calçada da Rua

da Praia. O início foi marcado por preconceitos, fome e humilhações. Hoje, depois da virada, ela encara todo mundo de frente e puxa pelo braço quem tenta roubar algum dos seus artesanatos. Diariamente, Castorina deixa sua casa no bairro Safira e traz suas peças de ônibus para o centro da cidade. O auge na carreira dessa índia foi em setembro desse ano, quando seus trabalhos foram expostos na Feira Latino-Americana de Artesanato de Porto Alegre, na Usina do Gasômetro. "Não sei explicar direito. Só posso dizer que chorei muito quando vi outros artistas achando meu trabalho muito bom".



Quem não tem medo de bandido passeia tranquilo pelas ruas

Assistir a um assassinato ao vivo em frente à Praça da Alfândega, chegar perto do corpo, sacudir a cabeça, sentir pena e voltar ao trabalho. Esse é Armando da Silva, o engraxate mais querido da Praça. Há 35 anos no negócio, Armando conhece todo mundo e assunto não falta para esse morador do Partenon que nunca foi assaltado em nenhum lugar por onde andou – "e olha que foram muitos", avisa. Casado e pai de três filhos, o engraxate sustenta a família cobrando R\$ 3 por cliente. O bonachão, que fica no seu ponto das 8h da manhã às 6h

da tarde, acompanha desde muito cedo a história dos engraxates do local. "Antes, era cada um por si andando de um lado para outro da Praça. Desde 1979, a coisa mudou." Isso porque na prefeitura de Thompson Flores, foram instaladas as cadeiras para graxa, uma vitória da categoria. Mostrando ser mais politizado do que muito marmanjão, Armando dispara: "O Collares entrou na prefeitura cobrando um aluguel para as cadeiras, um absurdo. Sorte foi o PT ter entrado depois. Eles acabaram com essa palhaçada de aluguel".

Compre usado e poupe sua grana

Comprar em lojas de artigos usados pode custar até 75% menos.

Por: MARCELO TRÄSEL

Fotos: CLARISSA BARRETO

Quem concretiza o sonho de adquirir a casa própria logo se vê às voltas com a falta de dinheiro para a mobília. Mas, se os artigos forem usados, a economia pode chegar a 75%. Comprar os principais utensílios domésticos no comércio formal não sai por menos de R\$ 2,8 mil. Nos briques e brechós, é possível pagar R\$ 700 pelos mesmos artigos. Livros e discos de segunda mão também saem muito mais em conta.

O Mensageiro da Caridade, ligado à Igreja Católica, é uma das mais conhecidas opções para quem busca preços acessíveis. A instituição recolhe doações de qualquer produto reaproveitável, de computadores a cacos de vidro.

Quem tiver algo para doar, telefona, e um caminhão vai buscar a mercadoria.

"Recebemos entre 80 e 100 doações por dia. Em geral, são pessoas que não têm mais onde guardar estas coisas", explica Rosane Pessotto, secretária da direção. As peças com defeito são consertadas na oficina e depois vendidas na loja. A renda vai para projetos de assistência social. A instituição também doa mercadorias para pessoas carentes, encaminhadas por paróquias.

Segundo Pessotto, não são apenas os necessitados que apelam para o Mensageiro da Caridade: "Precisa ver os carrões que estacionam na frente da loja".



Mais um mensageiro recolhendo doações

UM POUCO DE CULTURA

Com a casa pronta e um dinheiro sobrando, investir em cultura é uma boa alternativa. O preço do livro no Brasil é alto, mas comprando em sebos, um romance que custaria R\$ 20 nas livrarias, sai em média por R\$ 5. Todos os sebos fazem trocas, em geral na base do "dois por um". Há ainda a vantagem de se encontrar muitas obras raras e fora de catálogo.

CD's também não são baratos no País. Enquanto no comércio tradicional, o preço médio é de R\$ 23, nas lojas de

usados este valor cai para R\$ 10, ou menos. É preciso ter alguma paciência e perseverança para encontrar os discos procurados, mas a economia vale a pena. Nestes locais também é possível fazer trocas. Luís Eduardo Moura, há 13 anos no balcão da Porto Alegre CD's, afirma que entram e saem cerca de 200 CD's por dia de sua loja: "as pessoas vêm aqui vender por problemas financeiros e a maioria dos discos chega em bom estado".

FUJA DOS JUROS

Um passeio pela loja mostra desde pinturas a roupeiros em perfeitas condições, apesar da aparência velha ou das pequenas falhas e lascas. Procurando, é possível encontrar alguns que parecem novos. Gabriela Silva, estudante, teve de arranjar mobília ao se mudar de casa. Não hesitou em recorrer ao Mensageiro da Caridade, onde comprou dois roupeiros e duas estantes. "Além de ter saído muito mais barato, encontrei coisas antigas, que não encontraria em lojas convencionais. Reformei uma ou outra coisinha por estética, não por necessidade", conta Gabriela.

Para Almir Pedroso, há 20 anos trabalhando no Mensageiro da Caridade, a grande vantagem do preço baixo é não precisar entrar no crediário: "a pessoa não tem que ficar pagando prestações por um tempão".



ONDE COMPRAR?

COMPARE ALGUNS PREÇOS (em R\$)

PRODUTO	COMÉRCIO FORMAL	MENSAGEIRO DA CARIDADE
Fogão	205	60
Geladeira	489	120
Roupeiro	113	80
Sofá	176	20
Cama de casal	212	40
Pia com armário	180	35
Mesa 4 lugares	221	50
Liquidificador	47	15
Bicicleta	175	20

MENSAGEIRO DA CARIDADE: Av. Ipiranga, ao lado da Zero Hora. ☎ 223-2555.

LIVROS: Sebos da Rua Riachuelo, no Centro.

DISCOS: Galeria Chaves e Galeria do Rosário.

Índios procuram espaço na sociedade dos brancos

Texto e fotos:
MARCELA DUARTE

Comunidade vê na participação social forma de resgatar cultura perdida e de auto-sustento

A loja Cultura Indígena, inaugurada em setembro no Mercado Público do Bom Fim, movimenta por semana entre R\$150 e R\$ 180, mas para o grupo de índios responsável pelo funcionamento do estabelecimento, isto significa muito mais do que o dinheiro das vendas: é uma das formas encontradas pelo povo para fazer parte da sociedade e, ao mesmo tempo, recuperar sua cultura.

De acordo com Vicente Castoldi, que faz parte da comissão organizacional do grupo de 15 famílias Kaingang que vivem no bairro Safira, em Porto Alegre, a loja foi doada pela Secretaria Municipal da Produção de Indústria e Comércio (Smic) e funciona em fase experimental. "Nós só mantemos, pagando luz, água, telefone etc".

O grupo é formado por índios "desaldeados" (que não vivem nas reservas indígenas do Estado), sendo que entre 20 e 30 artesãos confeccionam os trabalhos expostos na loja. A maior parte dos produtos vendidos são da cultura Kaingang, como



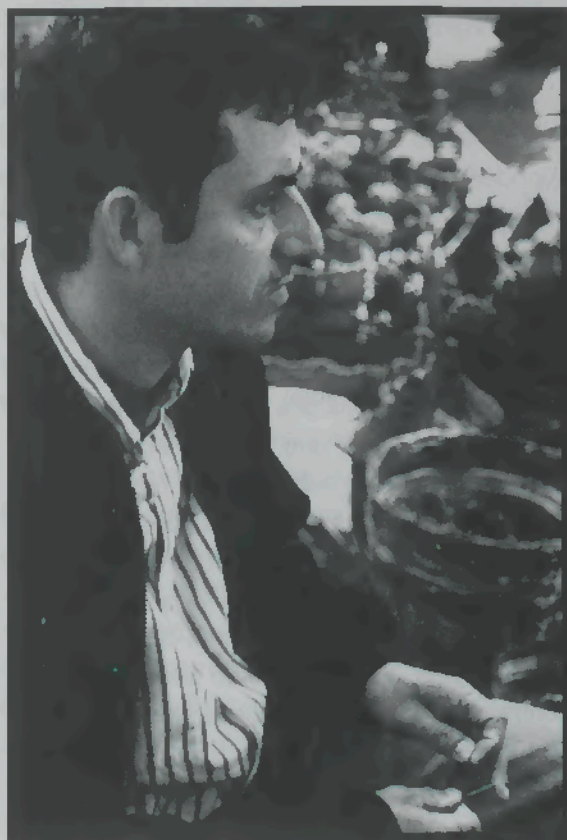
cestos, tiaras, arcos e flechas, mas admitem que, para sobreviver, z criam novas mercadorias e até copiam de outros povos, como um apito peruano feito de argila.

"Para o índio, a loja ainda é uma coisa nova, e toda conquista na sociedade dos brancos é motivo para ficar desconfiado", afirmou. A cada semana, duas pessoas, geralmente um casal, ficam responsáveis pelo atendimento na Cultura Indígena. Castoldi acrescentou que, para atender na loja, é necessário saber ler e escrever. Mas é comum famílias nas quais a mulher foi

alfabetizada e o homem, por resistência, não. Mesmo assim, Castoldi disse não temer que alguém tire vantagem dos índios. Na verdade, os indígenas têm muita dificuldade com a escrita, sendo que alguns ainda precisam copiar o desenho dos números para poder informar o telefone de contato com a comunidade.

Castoldi explicou que, quando um índio sai da aldeia, está se misturando com os brancos. Por isso, é preferível que ele participe da sociedade para conquistar alguns direitos. "Acho que os índios podem perder um pouco da sua cultura ao fazer parte da sociedade, mas também é uma forma de resgatar o que já foi perdido", disse o líder. O grupo fez um pedido à prefeitura da cidade para que fosse doado um terreno na Lomba do Pinheiro. O projeto já foi aprovado pelo Orçamento Participativo. As 15 famílias pretendem sair do bairro Safira e construir na nova área um forno de barro para queimar argila.

"Além de resgatar uma parte da cultura Kaingang que está se perdendo, é um projeto auto-sustentável para a comunidade indígena", ressaltou Castoldi. A expectativa do grupo é que já possam se mudar para a Lomba do Pinheiro em 2001. "Precisamos de projetos alternativos de geração de renda. Antes, vendíamos dez cestos por dia; hoje só vendemos um".



"Para o índio, a loja ainda é uma coisa nova, e toda conquista na sociedade dos brancos é motivo para ficar desconfiado"

Vicente Castoldi, membro da comissão organizacional do grupo de famílias Kaingang

Aeroporto é alternativa de diversão para toda família

Texto: CAROLINA AMORIM **Fotos:** MARCELA DUARTE

O Opala 1979, estacionado no acostamento, com quatro crianças dentro do porta-malas brincando, comendo picolé e vibrando com mais uma aterrissagem já não é mais uma cena insólita na avenida que dá acesso ao Aeroporto Salgado Filho, na Zona Norte de Porto Alegre. As margens da avenida, ou a grama junto ao alambrado do aeroporto, são ocupadas por famílias, casais, crianças e comerciantes todos os finais de semana e feriados da capital. Comer um cachorro-quente, andar de bicicleta, correr pelo gramado ou simplesmente assistir ao pouso de um avião é diversão barata e garantida para as centenas de pessoas que freqüentam com certa assiduidade a Esplanada Hélio Smith.

O movimento começa por volta das 13 horas. Neste horário, são os comerciantes que arrumam suas mercadorias sobre a grama, em varais improvisados, ou na Towner de cachorro-quente. Logo mais, às 15 horas, o movimento dos carros, bicicletas e transeuntes é intenso, chegando ao seu pico máximo duas horas depois, quando não restam mais vagas para estacionar. Este é o cenário que permanece, durante os fins de semana, na avenida de acesso ao aeroporto, há pelo menos um ano.

Para Maria Madalena Silveira, que



trabalha há apenas um mês no Cachorro Quente do Murça, o ponto é ótimo para seu produto. "Venho para cá somente nos finais de semana, quando chegamos a vender 110 cachorros por dia. Mas a Towner está aqui a semana toda, quando o movimento é muito menor", explica. Somando a venda de refrigerantes, Maria Madalena garante o sustento da família. "Meu irmão (dono da Towner) já trabalha aqui há bem mais tempo. Vim para ajudar nos sábados e domingos, porque isso aqui fica uma loucura".

Sem a preocupação com o trabalho e na procura de um pouco de diversão a baixo custo, José Pedro Faria vai ao aeroporto pelo menos duas vezes por mês. Pai de três filhos

ainda pequenos, Faria afirma que o mais barato mesmo é "pagar um cachorro-quente pra cada guri". "Aqui dá pra ver os aviões chegando e as crianças gostam, apesar do barulho, que é forte", ressalta Faria, que é interrompido pelo filho menor lhe pedindo de presente uma bóia de piscina. "Pra quê, onde tu vai usar? E além do mais, o pai já gastou todo o dinheiro com o cata-vento", é a resposta.

O comércio na área não é limitado a cachorro-quente, algodão-doce e picolé. Todos os finais de semana, se reúnem também vendedores de ursos de pelúcia, pandorgas, bóias de plástico para piscina, cata-ventos e até enfeites de vidro. O preço dos ursos, vendidos à margem da rua, varia entre R\$ 30 e R\$ 35. "Dia bom é quando vendemos cinco ursos", diz Jeferson Tiago Galvão, vendedor paranaense que viu na Esplanada Hélio Smith um ponto razoável para seus produtos. "Olha, pra falar a verdade, bom mesmo é durante a semana. O pessoal já viu a mercadoria no sábado ou no domingo e volta pra buscar sozinho", afirma, concluindo que "final de semana é vitrine, e tem que saber plantar para colher".

Com quatro filhos e separada do marido, Anália Freitas estaciona seu Opala na avenida e sai para comprar picolés. As crianças aguardam a surpresa dentro do porta-malas. "A cada final de semana, posso comprar alguma coisinha pra eles e, apesar do assédio de vendedores e da pressão das crianças, o aeroporto ainda é mais barato que o parque de diversões", explica.



Namoros decolam junto à pista do SF

Junto à confusão de crianças correndo, pais bebendo cerveja, mães conversando, vendedores trabalhando ou falsos atletas caminhando, alguns casais tentam, muitas vezes sem sucesso, ter um pouco de privacidade e momentos de romantismo, enquanto pousam aviões. Roberto Berandes e Carla Martins vêm com frequência ao aeroporto. "Ficamos seguros namorando dentro do carro, já que com o movimento não temos medo de assalto", afirma Carla. "O ruim são as

crianças que vêm fazer careta no vidro, mas chega até a ser engraçado", complementa Berandes.

O movimento começa a diminuir quando anoitece. Durante o horário de verão, o vendedores recolhem suas mercadorias por volta das 21 horas, permanecendo apenas as Towners e poucos carros estacionados. Neste horário o movimento na rua já é quase inexistente. Segundo Núbia Maciel, que vende em média 25 peças em vidro por dia, depois das 20 horas dificilmente acontece alguma



Love is in the air: casal de namorados curte um final de tarde vendo o vai-e-vem das aeronaves no Salgado Filho

venda. "Isso aqui vira um motel. Só ficam os casais dentro dos carros, e a gente é que não vai incomodar, né?", diz ruborizada. "Só sei que a gente vende, as crianças se divertem, uns caminham, os pais descansam e outros namoram. Isso aqui já é um *point* da cidade", conclui Núbia.

Assentados produzem alimentos ecológicos

Por:
MARCELA DUARTE

A Cooperativa de Produção Agropecuária de Eldorado do Sul (Coopael), na Região Metropolitana de Porto Alegre, cultiva alimentos de forma ecológica. A organização foi criada por um grupo de sem-terra, que conseguiu uma área para assentamento no final de 1992 junto ao governo do Estado, na época comandado por Alceu Collares, que exigia que as terras fossem usadas coletivamente. Inicialmente, a cooperativa contava com 35 sócios; hoje, os 21 sócios se dedicam à produção ecológica de hortigranjeiros, ovos e leite.

O presidente da cooperativa, João Francisco Cardoso, disse que quando foi formada a cooperativa a produção não era ecológica, mas orgânica. "A diferença é que na produção orgânica também não se põe veneno nem adubo químico, mas não há preocupação com o meio-ambiente e a terra é tratada de maneira convencional. Já a produção ecológica trata os resíduos e procura usar embalagens recicláveis e que não contaminam os alimentos". A produção

ainda não é totalmente ecológica, por causa do tempo de conversão, que deve ser concluído em oito meses a um ano.

Quanto à maneira de cultivar a terra, a agricultura ecológica abomina a monocultura. No caso da Coopael, existem diferentes áreas para o arroz irrigado, hortigranjeiros, mas sempre é feita a rotação de cultura, além do plantio consorciado e manutenção de cobertura morta, geralmente com a casca do arroz. "Como não usamos veneno, é comum alguns insetos ataquem a lavoura. A cobertura serve para alimentar principalmente os pulgões que assim atacam menos as plantas", explicou Cardoso.

A cooperativa também cria gado de corte, gado de leite e aves de postura. A venda do leite ecológico acontece de porta em porta, já que a produção é pequena, não mais que 180 litros por dia. Para 2001, a cooperativa pretende criar piquetes para aumentar a produção de leite ecológico e engarrafá-lo. "Seremos os primeiros no

Estado a vender leite ecológico em garrafas de vidro, o que não contamina o líquido", argumentou. Para isto, os cooperativados estão esperando o fechamento do ano, e assim saber se tiveram alguma "sobra". No ano passado, a sobra foi de R\$ 80 mil, mas Cardoso acredita que se tiverem lucro neste ano, vai ser muito pequeno. "A lavoura de arroz irrigado passou cinco dias sem água por causa da seca no Estado e das 7 mil sacas que se esperava colher, não conseguimos nem 5 mil".

Cardoso também informou que há três anos, quando o dólar e o real ainda eram parelhos, a saca custava R\$ 18; hoje, o preço pago é de R\$ 11,30, sem o desconto da mão-de-obra, frete, imposto etc. O óleo diesel, usado nas máquinas, também encareceu, passando de R\$ 0,26 para R\$ 0,60. Quando existe sobra, é discutido entre as 16 famílias cooperativadas o destino do dinheiro, como investimentos, reposição de máquinas quebradas ou divisão entre os sócios.

Porto Alegre é sede de encontro mundial em 2001

Texto:
RENATA CANTON

Porto Alegre será o foco das atenções mundiais entre os dias 25 e 30 de janeiro de 2001. Durante este período, nossa cidade vai servir de sede para o primeiro Fórum Social Mundial. O evento servirá de contraponto ao Fórum Econômico Mundial, que acontece todos os anos em Davos, na Suíça.

O Comitê de Organização do Fórum Social Mundial vem realizando um trabalho voltado para a conquista de novas adesões ao evento da capital gaú-

cha. O diretor do *Le Monde Diplomatique* e presidente do ATTAC da França (Associação pela Taxação das Transações Financeiras em Apoio aos Cidadãos), Bernard Cassen, Oded Grajew, da CIVES (Associação de Empresários pela Cidadania) e o sociólogo Emir Sader fazem parte do Comitê.

O objetivo do movimento é formar um novo espaço internacional para reflexão e união daqueles que se contrapõem às políticas neo-liberais. Por isso, a

importância para nós, porto-alegrenses, em sediar tal evento. A comunidade do Rio Grande do Sul poderá acompanhar na íntegra o que acontecerá neste encontro.

Porto Alegre vai ser a capital de encontro de movimentos populares, sindicalistas, parlamentares, representantes de ONGs e intelectuais de todo o mundo. Mais de 700 organizações de 100 países já aderiram ao Fórum Social Mundial. Alguns exemplos de nomes confirmados são: Graça Machel, ministra

moçambicana; o líder timorense e prêmio Nobel da paz, José Ramos Horta; o escritor uruguaio Eduardo Galeano; o presidente da Frente Ampla do Uruguai, Tabaré Vasquez; a presidente do grupo Mães da Praça de Maio, Nora de Cortinhas; o fotógrafo Sebastião Salgado; o Coordenador da Marcha contra o Trabalho Infantil, o indiano Kalayash Styarti; a líder do movimento estudantil na Indonésia, Dita Sari; o economista francês François Chesnai.

Nem tudo acaba em pizza

Texto:
ANDRÉ CZARNOBAI

É um dia qualquer. Você está dirigindo pela cidade, preocupado com os sinais e com os outros carros. Você checa os espelhos retrovisores diversas vezes até que nota um motoqueiro de telentrega mudando freneticamente de direção entre os automóveis. Em alguns segundos ele vai passar ao seu lado tirando um fininho do seu carro, só para depois cortar a sua frente e fazer a conversão à esquerda, sem se dar o trabalho de fazer sinal. Você vai enumerar algumas dúzias de xingamentos e vai seguir seu caminho profundamente irritado com o descaso perante às leis de trânsito.

É um dia qualquer. Você está em casa e começa a sentir fome. Abre a geladeira procurando algo que satisfaça esse desejo. Nada é animador. Os armários apresentam a mesma triste situação: não há nada para comer. Um tanto resignado, você pega um daqueles

milhares de papéis que te deram numa sinaleira fechada - ou, em último caso, abre a lista telefônica - e começa a procurar o número da telepizza. Pede a sua preferida. A telefonista te diz que vai demorar 20 minutos. Passam os 20 minutos. Passam-se mais 20. Você começa a ficar irritado. A pizza chega. Você enumera algumas dúzias de xingamentos e vai matar sua fome comendo a pizza, sem dar gorjeta nenhuma para o motoboy.

Chega a ser revoltante a falta de noção a que chegamos. A sociedade de consumo moderna sustenta um sistema que cada vez mais exige para si o direito de ser denominado "capitalismo selvagem". Não somos mais capazes de fazer relações entre causa e consequência quando o que está em jogo é o financeiro. Exercitamos nossa hipocrisia diariamente com centenas de gestos impensados como esse. Exigimos a rapidez da nossa pizza mas condenamos o motoboy quando ele atravessa o

sinal fechado. Nos colocamos no direito de esbravejar contra o motoqueiro nos dois casos.

Ninguém se importa se o motoboy precisa entregar uma pizza no Iguatemi e outra na Cidade Baixa. Ninguém se importa se o motoboy sabe onde fica o Iguatemi ou a Cidade Baixa. Ninguém se importa se ele ganha só R\$ 150 por mês pra dirigir o dia inteiro, correndo graves riscos de vida em cada esquina. Ninguém se importa. Tudo que nos importa é comer a nossa pizza e ter as nossas leis de trânsito respeitadas.

Ao mesmo tempo, esbravejamos contra os "pardais" e os "azuizinhos", reclamando da fúria que têm em aplicar multas nos nossos carros. Não importa que tenhamos reduzido em mais de 30% o número de mortes no trânsito, mas sim que tenhamos perdido milhões de reais em multas. Ora, se as multas aumentam é porque desrespeitamos as leis de trânsito, as mesmas que não permitimos que o motoboy desrespeite. Somos mesmo muito burros.

A classe média brasileira apodrece gradualmente, de forma cada vez mais grave e menos controlável. Todos os valores morais e éticos acabam distorcidos violentamente dentro de um prisma puramente malvado, onde a única preocupação é o acúmulo de capital. E mesmo ele tem um significado diferente hoje. Não nos preocupamos mais em ficar ricos, apenas em sobreviver dentro de uma gigantesca situação de crise. A luta pela sobrevivência transforma cada cidadão em um selvagem que mede cada vez menos as suas consequências no alcance dos seus objetivos - cada vez mais pessoais.

E não adianta tirar o corpo fora e fazer de conta que "não é comigo": Sou eu naquele carro e sou eu naquela casa. E é você também. E assim como é qualquer dia, é também qualquer pessoa, em qualquer cidade, em qualquer lugar do mundo.

Crianças aprendem a navegar

Alunos de escolas municipais participam de Projeto Náutico

Texto:
LUCIANO MACEDO

Fotos:
MARCELA DUARTE

Com o objetivo de popularizar o iatismo praticado no Guaíba, aproximar a comunidade do rio e difundir o esporte à vela, a Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer (SME), em parceria com o late Clube Guaíba e a Escola de Vela Oceano, desenvolveu e colocou em prática o Projeto "Navega Porto Alegre". A Secretaria realiza a seleção dos alunos da rede municipal de ensino público interessados em participar do curso de vela. O clube cedeu os barcos, a estrutura básica necessária ao aprendizado (como

trapiche e sala para aulas teóricas), lanches e passagens de ônibus para o deslocamento das crianças. A Escola Oceano colabora com a liberação dos professores, que ficam à disposição do Projeto durante o tempo das aulas.

A iniciativa começou a ser planejada no final de 1999, com a escolha de crianças em algumas escolas do município. Os critérios utilizados pela Secretaria foram faixa etária, disponibilidade de horário e a proximidade de suas residências ao clube. No primeiro semestre de 2000, três turmas concluíram o curso. Cada

grupo foi composto por 12 crianças entre oito e 13 anos que nunca haviam praticado qualquer tipo de esporte náutico e praticamente não conheciam o rio. Para concluir o aprendizado básico, são necessários três meses de dedicação intensa, totalizando 35 horas/aula de aprendizado prático na água e mais a parcela teórica, que oferece noções básicas de navegação. As aulas incluem educação ambiental, salvamento na água, componentes do barco, meteorologia, confecção de nós e formas de navegar.

DEDICAÇÃO NA ÁGUA

Os professores Marcelo Visintainer e Magda Piloto são rigorosos com o horário das aulas e com todas as normas de segurança necessárias na atividade. Eles acreditam que a cobrança e a disciplina foram fundamentais para o estágio alcançado no primeiro ano de parceria e demonstram entusiasmo com o interesse das crianças por um esporte novo no seu cotidiano. Mesmo em dias que o clima não favorece a prática da vela, com muita chuva ou vento forte, os alunos insistem em entrar nos barcos e realizar normalmente o treinamento. O resultado deste esforço foi a integração de três praticantes que obtiveram destaque dentro do projeto em equipes de competição do próprio Clube. Gabriel Nem, Georgetes Silva e Guilherme Fonseca, da Escola Municipal Landell de Moura, passaram a ser atletas do late Clube Guaíba, dando continuidade ao processo de aprendizagem. Eles participaram do Campeonato Sul-brasileiro em suas categorias de disputa. De acordo com os professores, não é o objetivo da estrutura montada no clube que o aluno se torne um competidor no futuro, mas que isso seja uma consequência natural da evolução técnica de cada participante. Desde as primeiras aulas práticas, ocorrem pequenas disputas entre os alunos, que procuram terminar o percurso, delimitado pelas bóias, sempre na frente de seus colegas.



O professor Marcelo Visintainer, à direita, de olho nos seus alunos

ENVOLVIMENTO DA FAMÍLIA

Os pais e parentes dos participantes do Projeto ressaltam o afastamento das drogas, da violência das ruas e até da marginalidade como os principais benefícios trazidos pelo esporte às crianças. O professor Visintainer estimula os responsáveis pelos alunos a acompanhar a evolução do curso desde as primeiras aulas. No início, é demarcado um trajeto de navegação bem próximo da margem para que os adultos possam enxergar com facilidade seus filhos. Mais tarde, quando as manobras são realizadas longe da margem, os pais são

colocados em uma lancha para continuar observando o desempenho das crianças.

A integração com o Rio Guaíba, através de um esporte náutico como a vela, gera uma crescente consciência ecológica nos participantes, que estão em constante contato com a água durante a prática da atividade. Os familiares passam a acompanhar os treinos e as competições. Conseqüentemente, divulgam e levam adiante a necessidade de cuidar desta grande área pública de lazer, que é o Guaíba.



GIULIANA GIAVARINA

Le Monde Diplomatique para quem não fala francês

Desde 1954 em Paris e no Brasil desde o ano passado, o *Le Monde Diplomatique*, ou *Diplô*, é uma alternativa à mídia acrítica dominante no país. Apenas com matérias traduzidas do francês, apresenta debates resistentes ao neoliberalismo. Nomes como Noam Chomsky, José Saramago e Eduardo Galeano figuram entre os colaboradores. O primeiro passo de sua implantação aqui no país não tem em vista a publicação integral

LE MONDE diplomatique

dos textos, propagando-se, fisicamente, apenas em matérias veiculadas em jornais e publicações de movimentos sociais. A versão integral encontra-se no site <www.diplo.com.br>, mas só pode ser acessada mediante uma assinatura anual de R\$ 48. As revistas *Caros Amigos* e *Sem-Terra* são algumas das publicações brasileiras em que se pode ler os textos do *Diplô*.

“A ilusão de que estamos separados um do outro é uma ilusão ótica da nossa consciência.”

ALBERT EINSTEIN

Devassa intelectual

Jornalista, escritor, tradutor, diretor e roteirista de cinema, João Silvério Trevisan reedita seu clássico tratado da homossexualidade no Brasil. *Devassos no Paraíso – A Homossexualidade no Brasil da Colônia à Atualidade*, volta com o dobro de páginas e faz uma análise mais profunda sobre a disseminação da AIDS no país. O livro aborda o contexto histórico-antropológico-psicológico do homoerotismo. João Silvério é autor de livros como *Ana em Veneza* e *Seis Balas num Buraco Só*.

Contra a exclusão

tecnológica

A maioria da população brasileira não sabe sequer ligar um computador. É com essa preocupação que a organização não-governamental CDI – Comitê para Democratização da Informática – promove eventos educacionais e profissionalizantes nas comunidades carentes. O objetivo é reintegrar as pessoas pobres que não têm acesso à informática. Além de democratizar a tecnologia, a ONG



também promove o resgate da cidadania dessas populações, através da utilização de recursos eletrônicos. Para saber mais, o endereço eletrônico é <<http://www.cdi.org.br/>>.

Informação para quem quer

A Ação da Cidadania, criada pelo IBASE, o Instituto do Betinho, tem como principal divulgador o *Jornal da Cidadania* que, além de discorrer sobre o tema, traz exemplos práticos de comprometimento com a democracia e de luta contra a exclusão social. A tiragem é mensal e a distribuição é gratuita em todo o país. É uma maneira de não pensar que tudo está perdido. O *Jornal da Cidadania* pode ser encontrado em entidades filantrópicas e escolas.

Alimentos Sem Toxinas

A cooperativa Coolméia oferece uma opção àquelas que não encontram alimentos orgânicos nos supermercados. Duas vezes por semana, é possível comprar alimentos realmente saudáveis numa feira bonita e ao ar livre. A Feira Ecológica da Coolméia pode ser encontrada sábado de manhã, na primeira quadra da José Bonifácio, ou quarta-feira à tarde, no antigo parque de exposições do Bairro Menino Deus (Getúlio Vargas, 1384).



Ajuda é sempre bem-vinda



Perto de todos existe uma sede da Anistia Internacional, um movimento de abrangência mundial e independente que assegura os direitos de cada cidadão, pressionando governos que não fazem devidamente a sua parte. A sede da AI no Brasil fica em São Paulo, e a sub-sede é aqui, em Porto

Alegre. Para quem quiser ajudar, basta caminhar um pouco, telefonar ou mesmo enviar uma carta. É possível tornar-se um membro ativo, simpatizante, ou ainda, apenas contribuir financeiramente, depositando uns trocados na conta bancária ou comprando materiais da instituição. A sede em Porto Alegre fica na Rua Jacinto Gomes, 573. E o telefone é (051) 217 3220